

EXPLORANDO NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS: uma análise cultural
baseada nos conceitos da teoria crítica

EXPLORING CINEMATOGRAPHIC NARRATIVES: a cultural analysis based on the
concepts of critical theory

EXPLORANDO NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS: un análisis cultural basado
en los conceptos de la teoría crítica

Elizangela Mattozo¹

Daiana Priscila Hartwig²

Guilherme Almeida de Lima³

RESUMO:

Este estudo explora narrativas cinematográficas, a partir dos conceitos elaborados pelo sociólogo Theodor W. Adorno, no interior da Escola de Frankfurt, para examinar três filmes: *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (2009), *O Carteiro e o Poeta* (1994) e *Toc Toc* (2017). A análise foca na influência da indústria cultural, nas representações da alienação e no fetichismo das mercadorias, evidenciando como essas obras refletem a padronização cultural e as limitações na promoção de uma reflexão crítica. O objetivo é investigar se as narrativas desses filmes podem, além de entreter, promover uma reflexão crítica sobre problemas sociais e individuais ou se, ao contrário, reforçam estereótipos e simplificam temas complexos para o consumo de massa. O estudo realiza uma análise crítica dos filmes mencionados, a partir da crítica de Adorno à indústria cultural para interpretar como cada filme aborda a complexidade dos personagens e suas circunstâncias sociais, especialmente a partir de aspectos como o consumismo, a emancipação e a racionalidade instrumental. Sobre a

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0007-2037-974X> E-mail: elizangelamattozo@gmail.com

² Discente do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação pela Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO. Grupo de Pesquisa de Sociedade, Formação, Cultura e Tecnologia. Bolsista da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, FAADCT/PR, Brasil. Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-6793-8649> Email: priscilahartwig21@gmail.com

³ Discente do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação pela Educação pela Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO. Grupo de Investigación sobre Teoría Crítica y Escuela de Frankfurt, do Institute of Creativity and Educational Innovations (IUCIE) da Universitat de València (Espanha). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6114-4652> Email: guialmeidadelima@gmail.com

metodologia, a análise de filmes se apresenta como uma estratégia dentro da pesquisa qualitativa, se configurando como um tipo de investigação voltada para compreender aspectos sociais e subjetivos, como ideias, comportamentos e ideologias. A análise conclui que, enquanto *O Carteiro e o Poeta* traz uma mensagem de emancipação e crítica social, *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* e *Toc Toc* ainda denunciam a presença dos padrões da indústria cultural na formação de subjetividades, oferecendo reflexões limitadas que, em última instância, reforçam a lógica de consumo e a racionalidade instrumental.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Indústria Cultural. Racionalidade Instrumental. Emancipação.

ABSTRACT:

This study explores cinematic narratives based on concepts developed by the sociologist Theodor W. Adorno within the Frankfurt School in order to examine three films: *Confessions of a Shopaholic* (2009), *Il Postino: The Postman* (1994), and *Toc Toc* (2017). The analysis focuses on the influence of the culture industry, representations of alienation, and commodity fetishism, highlighting how these works reflect cultural standardization and the limitations in fostering critical reflection. The objective is to investigate whether the narratives of these films can, beyond entertaining, promote critical reflection on social and individual problems or whether, on the contrary, they reinforce stereotypes and simplify complex themes for mass consumption. The study conducts a critical analysis of the selected films, drawing on Adorno's critique of the culture industry to interpret how each film addresses the complexity of characters and their social circumstances, especially with regard to aspects such as consumerism, emancipation, and instrumental rationality. Regarding methodology, film analysis is presented as a strategy within qualitative research, configuring itself as a type of inquiry aimed at understanding social and subjective aspects, such as ideas, behaviors, and ideologies. The analysis concludes that, whereas *Il Postino: The Postman* conveys a message of emancipation and social critique, *Confessions of a Shopaholic* and *Toc Toc* still reveal the presence of culture industry patterns in the formation of subjectivities, offering limited reflections that ultimately reinforce the logic of consumption and instrumental rationality.

Keywords: Critical Theory. Culture Industry. Instrumental Rationality. Emancipation.

RESUMEN

Este estudio explora narrativas cinematográficas a partir de los conceptos elaborados por el sociólogo Theodor W. Adorno, en el seno de la Escuela

de Frankfurt, con el fin de examinar tres películas: *Loca por las Compras* (2009), *El Cartero y Pablo Neruda* (1994) y *Toc Toc* (2017). El análisis se centra en la influencia de la industria cultural, en las representaciones de la alienación y en el fetichismo de la mercancía, evidenciando cómo estas obras reflejan la estandarización cultural y las limitaciones para promover una reflexión crítica. El objetivo es investigar si las narrativas de estas películas pueden, además de entretener, fomentar una reflexión crítica sobre problemas sociales e individuales o si, por el contrario, refuerzan estereotipos y simplifican temas complejos para el consumo de masas. El estudio realiza un análisis crítico de las películas seleccionadas, a partir de la crítica de Adorno a la industria cultural, para interpretar cómo cada filme aborda la complejidad de los personajes y sus circunstancias sociales, especialmente en relación con aspectos como el consumismo, la emancipación y la racionalidad instrumental. En cuanto a la metodología, el análisis fílmico se presenta como una estrategia dentro de la investigación cualitativa, configurándose como un tipo de indagación orientada a comprender aspectos sociales y subjetivos, tales como ideas, comportamientos e ideologías. El análisis concluye que, mientras *El Cartero y Pablo Neruda* transmite un mensaje de emancipación y crítica social, *Loca por las Compras* y *Toc Toc* aún evidencian la presencia de patrones de la industria cultural en la formación de subjetividades, ofreciendo reflexiones limitadas que, en última instancia, refuerzan la lógica del consumo y la racionalidad instrumental.

Palabras clave: Teoría Crítica. Industria Cultural. Racionalidad Instrumental. Emancipación.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar as narrativas cinematográficas *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (2009), *O Carteiro e o Poeta* (1994) e *Toc Toc* (2017) a partir dos conceitos teóricos elaborados pela tradição de pensamento da Teoria Crítica, desenvolvida no interior da Escola de Frankfurt, cuja crítica à sociedade contemporânea se fundamenta na análise da indústria cultural na formação de subjetividades.

O conceito de indústria cultural, desenvolvido pelos sociólogos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985) surge como uma crítica à produção massificada de bens culturais no contexto do capitalismo

tardio e das indústrias de entretenimento na modernidade. Este conceito denuncia a padronização e mercantilização dos produtos culturais, destacando-os como elementos pensados para garantir o entretenimento e a alienação das massas, em detrimento de uma emancipação social e individual.

As obras cinematográficas dentro da lógica da indústria cultural se configuram por um princípio mercantil, ou seja, são pensadas para atrair o grande público em termos de lucro. Este fenômeno reduz a complexidade de certos temas sociais, os quais são representados de maneira apressada e superficial, reduzidas a dramatizações exageradas, uma vez que o principal objetivo é atrair audiência, gerar lucro e promover o espetáculo da narrativa. Para refletir sobre o impacto dessas representações, portanto, é importante observar como as narrativas são construídas: quais aspectos ganham destaque, o que é deixado de lado, e como essas escolhas influenciam a forma como o público enxerga a realidade. O cinema, nesse sentido, participa na formação de ideias, valores e ideologias sobre o que é considerado aceitável, estranho ou indesejado.

O presente artigo busca examinar a partir das narrativas cinematográficas mencionadas, como é possível identificar os aspectos de racionalidade instrumental e alienação, investigando, além disso, se essas obras apontam para uma reflexão crítica acerca dos sintomas sociais contemporâneos ou reforçam clichês que tornam os fenômenos como dados meramente consumíveis para o espectador. Além disso, será explorada a experiência coletiva vivida pelos personagens, levantando a possibilidade de que o filme apresente uma reflexão (ainda que limitada) sobre o reconhecimento do outro e a emancipação através de uma experiência comum.

A análise de filmes se apresenta como a abordagem metodológica dentro da pesquisa qualitativa, cuja estratégia é adotada neste estudo. Esta abordagem fenomenológica permite compreender os aspectos subjetivos e sociais, entendendo o modo de construção de ideias e comportamentos, os quais são representados nas produções audiovisuais. Essa metodologia permite explorar as camadas simbólicas dos

filmes, desvendando como os elementos cinematográficos – enredo, personagens, estética e diálogos – refletem ou contestam valores culturais, sociais e ideológicos.

Estruturado em três partes, além de uma breve introdução, apresentação dos conceitos fundamentais para a análise e considerações finais, o artigo busca primeiramente, analisar *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*, investigando como esta narrativa reflete e reforça as críticas de Adorno e Horkheimer (2014) à indústria cultural, em que a cultura de massa, dominada pela lógica do mercado e da produção em série, converte bens culturais em mercadorias, servindo à perpetuação do capitalismo e à alienação dos indivíduos.

Em seguida, discute-se sobre o ato emancipatório em *O Carteiro e o Poeta* (1994), que traduz um conjunto de elementos para se pensar questões como a educação política, a exploração do trabalho e a busca por emancipação por meio da reflexão crítica. No filme, essa relação transcende o campo da poesia, ampliando-se para discussões sobre a condição humana, a desigualdade social e o papel transformador da consciência crítica.

Na terceira parte, discute-se como as críticas de Adorno sobre racionalidade instrumental, podem dialogar com as temáticas do filme *Toc Toc* (2017), especialmente na forma como os personagens, que sofrem de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), são inicialmente tratados dentro de uma perspectiva de controle e eficiência, o que acaba ignorando suas particularidades e contextos psicossociais.

ÂNCORAS CONCEITUAIS: CATEGORIAS TEÓRICAS PARA A ANÁLISE CINEMATOGRÁFICA

A crítica da modernidade elaborada por Theodor Adorno e Max Horkheimer se insere na tradição de pensamento da Teoria Crítica, no interior da Escola de Frankfurt. A Teoria Crítica constitui um dos esforços de compreensão das formas estruturais de dominação social dentro da contemporaneidade. No centro dessa reflexão, destacam-se dois conceitos fundamentais que orientam a análise da modernidade e que servem de base para esta pesquisa: o conceito de indústria cultural, desenvolvido por Adorno

e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985), e o conceito de racionalidade instrumental, aprofundado por Horkheimer em *Eclipse da Razão* (2015).

Para Adorno e Horkheimer (1985), a cultura se apresenta na contemporaneidade a partir de um processo de mercantilização das manifestações culturais através das indústrias de entretenimento (produções audiovisuais, rádio, novelas, etc.), ao qual, por sua vez, produz artificialmente necessidades e desejos e que configura uma alienação subjetiva ao consumo de massa. Trata-se de um sistema organizado de produção cultural que opera segundo os princípios da indústria material: padronização, categorização e administração das necessidades em termos de valor e lucro.

Os produtos culturais passam a ser concebidos em função do princípio lucrativo, o que resulta na homogeneização das formas, dos conteúdos e das experiências estéticas e sensoriais. As obras produzidas culturalmente encobrem uma repetição mecânica que limita as possibilidades do pensamento crítico-reflexivo. A indústria cultural, portanto, oferece ao público uma experiência de fruição imediata, confortável e pouco exigente do ponto de vista cognitivo e reflexivo, reforçando modos de percepção já estabilizados culturalmente e impedindo o movimento de transformação social, uma vez que os problemas sociais são encobertos pela sensação de conformidade à realidade social.

A racionalidade instrumental se constituiu como um efeito da lógica mercantilista que opera na indústria cultural, correspondendo à apropriação da razão pelo modelo técnico-científico que “tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 39), ou seja, uma razão orientada pela eficácia, cálculo e controle, na qual os meios se autonomizam em relação aos fins e passam a constituir, eles próprios, o critério último de validade das ações. A razão, originalmente associada à promessa de emancipação humana, converte-se em instrumento de dominação, tanto da natureza quanto dos próprios indivíduos.

Dentro do paradigma do capitalismo tardio, a racionalidade instrumental produz um modelo de cultura, influenciando todas as esferas da subjetividade, das relações sociais e do modo de organização coletiva. Os indivíduos, dentro desse contexto, são progressivamente conduzidos a perceber a si mesmos e aos outros como objetos funcionais, avaliados segundo parâmetros de desempenho, utilidade e adaptação. Essa lógica contribui para o enfraquecimento da experiência ética e estética, reduzindo o pensamento à lógica instrumental: “É como se o próprio pensamento tivesse sido reduzido ao nível dos processos industriais, sujeito a uma programação estrita - em suma, transformado em parte e parcela da produção” (Horkheimer, 2015, p. 29-30).

É a partir desse horizonte teórico que se insere a análise das narrativas cinematográficas propostas neste artigo. Os conceitos de indústria cultural e racionalidade instrumental fornecem as categorias centrais para examinar como os filmes selecionados representam o consumismo, a alienação, a experiência do sofrimento psíquico e as (im)possibilidades de emancipação. Mais do que verificar a presença de conteúdos críticos isolados, interessa compreender em que medida as próprias estruturas narrativas e estéticas das obras tensionam ou, ao contrário, reiteram os mecanismos de padronização e administração da experiência característicos da cultura de massa.

OS DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM E A INDÚSTRIA CULTURAL

O filme *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (2009) apresenta a trajetória de Rebecca Bloomwood, uma jovem cuja relação com o consumo ultrapassa a esfera do desejo pontual e passa a configurar uma dependência emocional e simbólica. A protagonista constrói sua identidade e busca satisfação pessoal por meio da aquisição constante de bens, mesmo diante do acúmulo de dívidas e do colapso de sua vida afetiva.

Embora marcada por um tom leve, a narrativa possibilita uma reflexão crítica sobre os mecanismos de sedução do mercado e sobre a forma como a publicidade e a

lógica mercadológica capturam os sujeitos, orientando-os a padrões de comportamento naturalizados. De acordo com Zuin (2001, p.12), tal processo se sustenta na naturalização do consumo como eixo organizador da vida social. Nesse sentido, “a ideologia encontra-se tão colada à realidade que qualquer comportamento que não se atrele ao atendimento das necessidades do consumo é rotulado como desviante” (Zuin, 2001, p. 12). Ao mesmo tempo em que se produz a ilusão de singularidade, já que “parece que vivenciamos uma identidade única” (Zuin, 2001, p.12), sustentada simbolicamente pelas marcas e grifes, as quais operam uma padronização encoberta dos modos de ser (Zuin, 2001, p. 12).

É precisamente essa contradição, entre promessa de individualidade e homogeneização subjetiva, que se materializa na figura de Becky, a qual evidencia como o consumo é alçado à condição de linguagem afetiva e de pertencimento, oferecendo não apenas objetos, mas promessas de felicidade, aceitação, sucesso e identidade. Esse fenômeno dialoga diretamente com as análises de Theodor Adorno e Max Horkheimer (2014) acerca da indústria cultural, a qual atua como forma de manipulação dos desejos e da consciência (Adorno e Horkheimer, 2014, p.132).

Em um mundo onde o valor de uso é constantemente substituído pelo valor de troca e pelo apelo imagético, os produtos deixam de atender a necessidades concretas para se tornarem veículos de status, prestígio e ilusões subjetivas. A figura de Becky, nesse sentido, não é uma exceção, mas o retrato de uma sensibilidade moldada por um sistema que estimula o endividamento e a alienação, mascarando a precariedade existencial com o brilho efêmero das vitrines.

Dentro dessa lógica, o enredo apresenta o consumismo como valor social e desejo normativo. A protagonista, Becky Bloomwood, tem sua identidade marcada por sua relação com o ato de consumir, sua figura ilustra com nitidez o tipo ideal de consumidor fabricado pela indústria cultural: um sujeito que encontra no consumo não apenas prazer momentâneo, mas também sentido existencial, reconhecimento social e promessa de pertencimento (Adorno e Horkheimer, 2014, p.100).

O filme revela uma faceta inquietante da vida contemporânea: a transformação do desejo humano em engrenagem da lógica mercantil. A trajetória de Becky, funciona como alegoria do sujeito moderno capturado pelo fetichismo da mercadoria, não como exceção, mas como expressão recorrente da forma de vida imposta pela racionalidade capitalista. A narrativa, ao mesmo tempo em que tematiza os efeitos destrutivos do consumo desenfreado, o endividamento, a perda de vínculos afetivos, o esvaziamento do eu, recorre ao humor e à estética publicitária para suavizar os conflitos que apresenta. Essa estratégia narrativa, longe de ser inocente, opera justamente no modo como Adorno e Horkheimer (2014) descrevem o funcionamento da indústria cultural: um sistema que molda sensibilidades, orienta comportamentos e naturaliza formas de dominação. Como afirmam os autores, “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (Adorno e Horkheimer, 2014, p. 103), onde nada escapa à lógica da reprodução e da adaptação.

É nesse contexto que a figura de Becky adquire densidade simbólica. Ela não apenas consome, ela acredita que é no ato de consumir que reside sua possibilidade de ser vista, reconhecida, valorizada. Cada peça de roupa, cada acessório, torna-se uma tentativa de afirmação de si diante de um mundo que mede valor por aparência. A famosa “echarpe verde”, símbolo de seu desejo por uma nova imagem e um novo lugar social, não é apenas um objeto de moda: é investida de sentido mágico, quase transcendental.

A echarpe não cobre o corpo, mas tenta cobrir a falta, o vazio que a protagonista, como tantos outros sujeitos contemporâneos, busca preencher por meio daquilo que pode adquirir. Segundo Adorno (1982, p. 288), “o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer; ele não é sujeito dessa indústria, mas seu objeto”. Ao desejar a echarpe, Becky não escolhe de forma autônoma; ela responde a comandos que lhe foram previamente estabelecidos.

Esse é o ponto em que a crítica adorniana encontra sua ressonância mais aguda: não se trata apenas da mercantilização dos produtos culturais, mas da colonização da própria subjetividade. “Inevitavelmente, cada manifestação da



indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo” (Adorno e Horkheimer, 2014, p. 104). A subjetividade é educada para desejar aquilo que o sistema oferece, e para aceitar como natural a frustração que se segue. A cultura de massa, nesse sentido, não aliena apenas por omissão, mas por excesso, excesso de estímulos, de promessas, de imagens que reduzem a experiência humana à lógica da repetição e da obediência.

Até mesmo “o conceito do estilo autêntico torna-se transparente na indústria cultural como um equivalente estético da dominação” (Adorno e Horkheimer, 2014, p. 106). Nesse sentido, o estilo antes expressão de singularidade, torna-se uma máscara que atende as exigências sociais.

Becky Bloomwood, portanto, não é uma caricatura. Ela é, como nós, produto e produtora de um tempo em que os vínculos afetivos se tornam frágeis, as identidades são construídas pela via do consumo e a existência se mede pela capacidade de adquirir, contentando-se com “a reprodução do que é sempre o mesmo” (Adorno; Horkheimer, 2014, p110). Ao atribuir à echarpe, e a tantos outros objetos a promessa de uma vida mais feliz, a personagem encarna o que Adorno e Horkheimer (2014, p. 114) descrevem como a lógica do logro: “a indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer”. O sistema se sustenta sobre a renovação constante do desejo, sobre a repetição de uma falta que jamais se resolve, mas que mantém o sujeito em permanente movimento não rumo à emancipação, mas à perpetuação de sua alienação.

Nesse horizonte, a leve crítica ao endividamento e à impulsividade da personagem não rompe com a estrutura narrativa, apenas a complementa com um verniz moral, como se o problema estivesse na desmedida individual, e não no sistema que a promove. A cultura de massa, como denunciam Adorno e Horkheimer (2014), é eficaz justamente porque opera sob a aparência do inofensivo: diverte, emociona, seduz, enquanto ensina a obedecer.

Esse ciclo, desejar, consumir, decepcionar-se e desejar novamente, constitui o cerne da lógica da reprodução no capitalismo tardio. A cultura de consumo mantém o

sujeito em um estado permanente de insatisfação, no qual o prazer é sempre adiado e a gratificação, eternamente deslocada para o próximo produto. Como expressam Adorno e Horkheimer (2014, p. 136), “eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimesis compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem”. Ou seja, mesmo cientes da superficialidade da promessa, os sujeitos seguem desejando, repetindo gestos de consumo como se neles houvesse alguma salvação possível.

No desfecho do filme *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* (2009), a trajetória de Becky parece culminar em uma espécie de redenção, mas é importante analisar essa "transformação" à luz das críticas da indústria cultural de Adorno e Horkheimer (2014). Após enfrentar as consequências de seu comportamento consumista, como o acúmulo de dívidas, a perda de credibilidade e o impacto negativo em suas relações pessoais – Becky passa por um processo de reflexão. Ela decide vender todos os itens de seu guarda-roupa, incluindo a simbólica echarpe verde, como uma forma de reverter sua compulsão por compras e resolver seus problemas financeiros. Essa ação de "desapego" representa um rompimento com o ciclo de consumismo que a aprisionava. No entanto, a conclusão do filme não promove uma verdadeira crítica ao sistema capitalista e à indústria cultural.

A mudança de Becky não implica em uma rejeição total da lógica do consumo, mas sim em um ajuste para consumir de forma "moderada" e mais responsável. A mensagem transmitida é a de que o problema não é o consumismo em si, mas o excesso e a falta de controle. Becky não questiona as estruturas sociais e econômicas que alimentam seu comportamento, mas apenas ajusta sua relação com elas. O final do filme apresenta uma solução paliativa que, na superfície, parece libertadora, mas na verdade não desafia a ideologia do consumo.

Assim, *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* nos convida, ainda que involuntariamente, a refletir sobre o preço subjetivo de uma vida submetida ao consumo. E talvez resida aí sua maior potência crítica: não naquilo que diz

explicitamente, mas naquilo que, ao reiterar a lógica da mercadoria, deixa transparecer o vazio que ela tenta encobrir.

O ATO EMANCIPATÓRIO EM *O CARTEIRO E O POETA* (1994)

Dirigido pelo cineasta britânico Michael Radford, *O Carteiro e o Poeta* retrata a construção gradual de uma amizade entre o poeta Pablo Neruda e o humilde carteiro Mario Ruoppolo. A obra mobiliza elementos centrais para a problematização da educação política, da exploração do trabalho e da busca por emancipação mediante a reflexão crítica. No filme, essa relação ultrapassa o campo estrito da poesia, estendendo-se a discussões sobre condição humana, desigualdade social e o potencial transformador da consciência crítica. Neruda, um dos poetas mais influentes do século XX, destacou-se por uma produção lírica, romântica e política, tendo adotado seu pseudônimo em referência ao escritor tcheco Jan Neruda, após nascer como Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto, em Parral, Chile.

O Carteiro e o Poeta (1994) retrata um simples vilarejo em uma ilha da Itália, representando o exílio político de Pablo Neruda e as circunstâncias cotidianas que conduziram Neruda a fortalecer um laço de amizade com o carteiro do vilarejo, Mario Ruopulo. A obra ilustra a transformação gradativa do personagem do carteiro, que inicialmente apenas cumpre sua função de forma pragmática e utilitarista, e que passa a entrar em contato com a sensibilidade da poesia, o despertando para as lutas populares por direitos sociais e democráticos.

É possível observar que, a partir do contato com Pablo Neruda, Mario adentra um universo poético que o conduz a problematizar sua realidade social e a reconhecer as injustiças que a atravessam. A educação política, nesse contexto, configura-se como aprendizado informal, no qual, ao assimilar os ensinamentos do poeta, o carteiro passa a tomar consciência de seu lugar enquanto sujeito em um cenário de opressão e desigualdade. Nessa direção, a poesia assume estatuto de instrumento de contestação e resistência social e cultural, traduzindo o poder da arte na mobilização coletiva e na



transformação da consciência, bem como o papel central da educação crítica no processo de emancipação individual e coletiva.

Neste encontro entre Mario e Pablo, se traduz a potência criativa, artística e crítica do enlace de um sujeito que, antes desconhecido de seu papel de protagonista e agente transformador do meio social, passa a reivindicar os direitos de emancipação social e coletiva, a partir do desenvolvimento de seu senso crítico, que se deu a partir do encontro com a educação emancipatória.

O filme, além disso, mostra um tempo do cotidiano que se constitui pela gradativa construção das palavras, mostrando a contradição leve e sutil, mas que carrega em seu contraste oposto uma força densa e material. A poesia, nesse sentido, é o fio nuclear da relação entre Mario e Neruda, sendo considerada uma das formas de expressões da linguagem artística, encontrada ao lado da pintura, do gesto ou da fotografia, por exemplo.

Dias (2008) coloca que a poesia está no cotidiano não imediato e sendo considerada uma forma de conexão com a experiência, ou seja, na compreensão daquilo que se dissolve no olhar desatento do cotidiano, e que é necessário um tempo outro para captar. É necessário, portanto, ter um olhar atento e um tempo que não o do capital para conseguir desvendar a potencialidade que a arte oferece para refletir e criar a experiência do encontro com a arte. Essa manifestação artística é, portanto, a “abertura da sensibilidade para lá do horizonte natural dos dados sensíveis, de fixação num dizer de sensações do indizível das coisas mais simples” (Dias, 2008, p.29).

Nesse sentido, a poesia permite desenvolver, criar e recriar uma visão sobre o mundo, considerando as emoções que as traçam diante uma subjetividade particular de cada sujeito com sua própria realidade, em seu tempo e com suas condições (Tozo & Martins, 2020, p. 02).

Ao resgatarmos as posições de Adorno em relação função da arte, observamos que, nessa perspectiva, pode ser adotada como uma dimensão social que possibilita a abertura de novos caminhos estéticos, ou seja, sensoriais e perceptivos, para a perpetuação de um horizonte sociocultural que não seja identificado inteiramente com os objetos da realidade já postos pelo discurso vigente: “A priori, antes de suas



obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos” (Adorno, 2001, p. 13). A função da arte, portanto, deve possibilitar o desdobramento dos sentidos e inaugurar uma nova forma de fruição da experiência estética.

A função da arte seria então não forçar uma alternativa, mas apresentar possibilidades de resistência ao mundo controlado. Tornar as decisões o critério de valoração da arte engajada é tornar substituíveis as próprias decisões. O raciocínio é simples: a arte é polissêmica (Bylaardt, 2013, p. 88).

Adorno (1973) problematiza a possibilidade da poesia em um contexto marcado pela barbárie e pela degradação humana, fenômenos que se intensificam no interior da indústria cultural, sobretudo após o sequestro dos elementos reflexivos da arte e sua substituição por objetos fetichizados convertidos em mercadoria. Nesse horizonte, o autor questiona se a regressão social não implica, igualmente, uma regressão artística, estética e da própria dimensão da linguagem.

O filósofo aponta que a literatura, enquanto artefato artístico, deve resistir para não se render ao cinismo. Nesse sentido, Adorno (1973) coloca que o sofrimento não deve tolerar o esquecimento, sendo que a memória deve tornar-se, nessa perspectiva, um monumento, sempre a ser recordado e revisitado. Desse modo, o sofrimento humano encontra a força de expressão de sua voz na arte, fazendo eco aos destinos de sua resistência enquanto limites da barbárie humana.

A educação emancipatória emerge, dentro do filme, intimamente enlaçada com o potencial artístico dos elementos poéticos apresentados na produção de *Michael Radford*, expondo de modo metafórico uma educação que vai de encontro ao que Adorno diz sobre a educação enquanto um sentido que deve ter “unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (Adorno, 1995, p. 121-122).

Outro elemento relevante articulado ao ato emancipatório de uma educação crítica, reside na construção das poesias a partir de memórias subjetivas, nas quais a história singular dos personagens se entrelaça à narrativa, potencializando a transmissão da experiência como dimensão formativa. Nesse horizonte, conforme Walter Benjamin (2011), a modernidade promove um esvaziamento do caráter

narrativo da experiência, decorrente da dificuldade crescente de os sujeitos comunicarem acontecimentos memoráveis e afetivos, em meio ao avanço de uma sociedade tecnológica e industrializada.

Essas características de um suposto projeto nacional de progresso – a evolução tecnológica – suprime a possibilidade de perpetuação da memória, minimizando a experiência coletiva. De acordo com Benjamin, “onde há experiência, no sentido estrito do termo, entram em conjunção na memória certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (Benjamin, 2011, p. 107). O filme nos ilustra que ao ser comunicado determinados elementos subjetivos da história dos personagens e traduzidos nas poesias apresentadas no filme, o sentido da experiência se substancializa com os efeitos históricos do tempo vivido por cada personagem, já que é no outro – entendido como aquele para quem se narra a experiência – que a narrativa se endereça.

Desse modo, “o vivido se ressignifica à medida que é 'narrado', uma vez que o narrar não apenas apresenta ao outro uma história vivida, mas reapresenta a quem viveu sua própria experiência” (Pereira, 2012, p. 44), atribuindo, assim, novos formatos a realidade e modificações existenciais a partir do fenômeno narrativo.

Assim, o filme *O Carteiro e o Poeta* (1994) simboliza a relevância da linguagem, pois ao apresentar o carteiro como um mensageiro da poesia de Neruda, ele próprio e transforma pelo poder das palavras. A palavra, mais do que um meio de comunicação, tem a capacidade de moldar o olhar do sujeito sobre a realidade e, ao ser compartilhada, permite a construção de novas compreensões sobre si mesmo e o mundo ao redor.

No contato com a poesia, Mario vivencia uma educação emancipatória, expandindo sua visão de mundo e compreendendo, como aponta Vygotsky, em *Pensamento e Linguagem* (1934/2008), que o desenvolvimento do repertório de linguagem e do pensamento é indissociável. Cada palavra apreendida é também um passo em direção a uma consciência crítica, ampliando a capacidade do indivíduo de interpretar e transformar a realidade. O filme explora de maneira profunda, o

encontro entre vida e arte, trazendo à tona as implicações éticas e estéticas que a poesia pode ter em cenários de resistência social e coletiva. Ao longo da narrativa é possível perceber que a arte ocupa um lugar indispensável na polissemia existencial, ou seja, na reabertura de novos caminhos dentro da realidade dos personagens.

A relação entre Mario e Neruda evidencia o impacto da educação enquanto ato emancipatório, que, mediada pela arte e pela poesia, leva à formação de uma consciência crítica e ao despertar de Mario como agente de resistência. Através da palavra, ele encontra seu lugar no mundo, e a criação poética revela-se como um ato político, reafirmando o poder transformador da arte.

TOC TOC (2017) E A RACIONALIDADE INSTRUMENTAL

O filme *Toc Toc (2017)*, dirigido por Vicente Villanueva, explora as interações entre seis personagens que, em um consultório psiquiátrico, aguardam o atendimento de um renomado profissional. Cada um desses personagens é acometido por um tipo específico de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), e, ao longo da narrativa, a comédia se desenvolve a partir das situações inesperadas e conflitantes geradas por suas compulsões.

Para Silva e Pettengill (2023, p. 87) “o filme é hábil ao demonstrar como as preocupações, intrusões e rituais persistem em níveis desadaptativos e destaca o impacto negativo significativo que o transtorno pode ter na vida cotidiana das pessoas afetadas”. Além disso, o filme oferece uma perspectiva cômica e, ao mesmo tempo, reflexiva sobre as particularidades desses transtornos.

Trata-se de uma comédia espanhola que gira em torno de personagens com Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). Cada personagem apresenta uma manifestação distinta do transtorno. O primeiro personagem a desencadear a cena é Federico e a síndrome de Tourette, está andando na rua e dizendo várias palavras obscenas para as pessoas que encontra. Em seguida surge Ana Maria, que devido cumprir inúmeros rituais que ela criou, que vão desde conferir objetos até rituais religiosos, sempre está atrasada para compromissos.

Surge então aos olhos do espectador, Emílio, taxista que faz cálculos de tudo a sua volta, condição também chamada de aritmomania. É para o consultório do renomada Dr. Palomero que todos se dirigem no mesmo horário. Já no consultório o espectador conhece Blanca e, a mania incessante por limpeza, além Otto e a obsessão por simetria e Lili e a repetição incessante de palavras. Esses personagens, lidam de um jeito único e engraçado com os sintomas.

Conforme os personagens vão chegando ao consultório, a secretária explica que, por um erro no sistema de marcação de consultas, os pacientes foram agendados para o mesmo dia e horário, o que acabou gerando o encontro surpreendente entre eles. Quando todos estão reunidos na sala de espera, são comunicados de que o voo do Dr. Palomino, vindo de Londres, está atrasado, não havendo a previsão do seu horário de chegada ao consultório. A secretária, então, sugere que os pacientes se apresentem e falem um pouco de suas vidas uns aos outros enquanto aguardam (Silva et al., 2021, p. 800).

Os personagens acima descritos – Federico, Ana Maria, Emilio, Blanca, Otto e Lili – chegam ao consultório da psiquiatra buscando "cura" para seus comportamentos compulsivos e obsessivos. Contudo, a abordagem médica típica que visa ajustar essas pessoas para que se enquadrem em padrões de "normalidade" ou "produtividade" reflete a racionalidade instrumental criticada por Adorno.

A crítica de Adorno e Horkheimer (1985) à racionalidade instrumental, envolve a ideia de que essa forma de racionalidade reduz a complexidade humana a uma lógica de eficiência e controle, tratando os seres humanos mais como objetos a serem administrados do que como indivíduos a serem compreendidos em suas singularidades. A própria estrutura de atendimento – uma fila de pacientes esperando pontualmente por uma consulta que "consertará" seus problemas – reforça a ideia de que suas vidas podem ser gerenciadas e normalizadas a partir de uma lógica funcionalista e utilitarista, que negligencia o sentido mais profundo de suas existências e experiências pessoais.

[...] nesta sociedade, as ações humanas adquirem certa previsibilidade e as instituições sociais, marcadas pela racionalidade instrumental, ganham vida própria, funcionam sob uma lógica que, de certa forma, se descola da atividade reflexiva dos sujeitos que as perpetuam. Além disso, encarnada nas pessoas, a razão instrumental se converte no modo pelo qual os sujeitos

irão efetivamente se socializar na sociedade capitalista, em uma lógica adaptativa em relação à configuração das relações sociais tais como elas se apresentam (Rocha, 2018, p. 152).

No decorrer do filme, a situação muda quando os personagens, devido ao atraso do médico, começam a interagir entre si. Esses encontros permitem que eles compartilhem suas vivências e se compreendam em um nível mais humano e empático, fora do olhar clínico e da racionalidade instrumental. Essa interação entre os personagens proporciona a cada um deles um rompimento que transcende a lógica instrumental do tratamento médico, mostrando o valor das relações humanas e do acolhimento subjetivo. Nesse contexto, a própria lógica da eficiência e da padronização do comportamento se mostra limitada e insuficiente para promover uma cura genuína ou uma compreensão mais ampla dos transtornos.

o valor das coisas costuma ser julgado estritamente por critérios de utilidade. O “útil” relaciona-se à razão instrumental, de autoconservação, orientada pela busca dos mais eficientes meios disponíveis para assegurar a sobrevivência humana. O “inútil”, por outro lado, resplandece além da esfera da mera necessidade, e inclui os elementos da vida cultural cuja única justificativa é que eles justificam tudo o mais, pertencendo a uma esfera da vida na qual o uso não possui nenhuma força normativa ou lógica (Rocha, 2018, p. 160).

Em síntese, *Toc Toc (2017)* evidencia que o foco exclusivo na eficiência e no controle pode levar a uma compreensão superficial e opressora dos problemas humanos, alinhando-se com a crítica de Adorno e Horkheimer de que a racionalidade instrumental reduz as pessoas a “peças” de um sistema. Ao permitir que os personagens compartilhem e validem suas experiências, o filme sugere que uma abordagem que acolha as diferenças e compreenda as pessoas em toda a sua complexidade – longe de uma lógica meramente funcional – é mais eficaz e humana. Essa interação oferece uma alternativa à racionalidade instrumental, apontando para a necessidade de uma razão mais dialógica e integradora, que reconheça o valor dos indivíduos para além de sua produtividade ou funcionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das narrativas aponta para uma compreensão mais profunda das limitações e potenciais dessas produções cinematográficas em promover reflexões críticas sobre a sociedade. À luz das contribuições de Theodor W. Adorno, especialmente no que se refere à crítica à padronização cultural, à alienação e à indústria cultural e racionalidade instrumental.

Os Delírios de Consumo de Becky Bloom evidencia a influência do consumismo sobre a identidade e felicidade individuais, promovendo uma mensagem superficial sobre a importância de consumir de maneira responsável, mas sem questionar as bases estruturais da sociedade capitalista. Essa abordagem reflete um padrão típico da indústria cultural: a crítica ao consumismo é diluída em humor e situações cômicas, de forma que o público se identifica com a protagonista, mas sem alcançar uma verdadeira reflexão crítica. Assim, o filme reafirma a aceitação passiva do consumismo como parte inerente da vida moderna, mantendo os indivíduos em um ciclo de desejo e insatisfação.

Em contraste, *O Carteiro e o Poeta*, oferece uma visão emancipatória, onde a poesia e a amizade entre os personagens transcendem a mera relação utilitária e promovem uma transformação pessoal e política. A obra destaca o poder da arte como ferramenta de resistência e de formação da consciência crítica, reforçando a importância da educação política e da sensibilidade estética como meios para o desenvolvimento humano e social. Ao enfatizar o valor da experiência compartilhada e da educação emancipatória, o filme vai além dos limites da indústria cultural, propondo uma alternativa ao conformismo e incentivando o espectador a valorizar o papel transformador das relações humanas.

Por fim, *Toc Toc* ilustra as limitações da racionalidade instrumental ao retratar pacientes com Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) que, por meio do encontro e da interação mútua, transcendem a perspectiva puramente funcionalista e clínica de suas condições. A narrativa questiona a abordagem que reduz as pessoas a diagnósticos e padrões de produtividade, promovendo uma reflexão sobre a necessidade de uma compreensão mais humana e complexa dos indivíduos. A

interação entre os personagens permite um acolhimento que vai além da lógica da eficiência, propondo a alteridade e a empatia como alternativas à racionalidade instrumental.

Esses filmes, assim, refletem tanto a força da indústria cultural em moldar narrativas para consumo em massa quanto os potenciais e limites da arte cinematográfica em questionar o status quo. Essa análise reafirma a visão de Adorno de que, embora a indústria cultural possua um potencial transformador, sua lógica de mercado limita a profundidade das reflexões que ela poderia instigar no público.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Observações sobre o pensamento filosófico. In: ADORNO, T. W. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. A arte é alegre? In: RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (org.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas: Unimep, 2001. p. 11-18.
- ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (org.). *Teoria crítica e inconformismo*. Campinas: Autores Associados, 2010.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BYLAARDT, C. O. Arte engajada e arte autônoma no pensamento de Theodor Adorno. *Pandaemonium*, v. 16, n. 22, p. 84-100, 2013.
- DIAS, S. *O que é poesia?* Coimbra: Pé de Página Editores, 2008.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora Unesp, 2015 [1947].

O carteiro e o poeta. Direção: Michael Radford. Itália, 1994. 109 min., son., P&B. Disponível em: <<https://youtu.be/8G2XBVeURVE>>. Acesso em: 31 out. 2024.

Os delírios de consumo de Becky Bloom. Direção: P. J. Hogan. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2009. 104 min.

ROCHA, A. C. Capitalismo e racionalidade instrumental: reflexões acerca do tempo livre em Theodor Adorno. *Idéias*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 149-170, jan./jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/download/8652473/18047/39186>. Acesso em: 7 nov. 2024.

SILVA, A. M.; PETTENGILL, E. C. F. C. Uma análise psicopatológica do transtorno obsessivo compulsivo a partir da obra cinematográfica Toc Toc. *Intergran*, v. 2, n. 1, p. 85-100, 2023. Disponível em:

<https://sgicg.unigran.br/arquivos/Direx/Revista/artigos/2023/vol2/num1/14.pdf>.

Acesso em: 7 nov. 2024.

SILVA, C. C.; SOUTO, W. K. S. C.; BORGE, F. T. Toc Toc: uma reflexão sobre o papel da alteridade no acabamento estético de si. In: *Avanca | Cinema 2021*. Capítulo II.

Disponível em:

<https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/issue/view/avancacinema2021>.

Acesso em: 7 nov. 2024.

Toc Toc. Direção: Vicente Villanueva. Espanha: Netflix, 2017. 96 min.

TOZO, T. L.; MARTINS, D. M. O carteiro e o poeta: um diálogo com a psicanálise. In: *XXVIII Seminário de Iniciação Científica*. Unijuí, 2020.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZUIN, Antônio Alvares Soares. Sobre a atualidade do Conceito de Indústria Cultural.

Cadernos Cedes, ano XXI, p. 09-18, nº 54, agosto/2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 13 fev. 2026.

Data da submissão: 26/02/2026.

Data do aceite: 18/06/2026.